

***“Oito cervejas, três filés de carnes e pronto!” “Tem que beber tudo, né?”
“Bebida não é pra sempre?”: práticas de numeramento envolvendo bebidas
alcóolicas protagonizadas por pessoas jovens, adultas e idosas***

***"Eight beers, three steaks and ready!" "You have to drink it all?" "Drink isn't forever?":
numeracy practices involving alcoholic drinks having young, adult, and elderly people as
protagonists***

Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi¹

Jonson Ney Dias da Silva²

Rodrigo Carlos Pinheiro³

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de discutir como as práticas de numeramento protagonizadas em espaços escolares e não escolares por pessoas surdas, jovens e adultas no contexto da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, são atravessadas por valores e intenções pragmáticas. Fundamentado na Análise Social do Discurso, o estudo analisa três eventos de numeramento protagonizados por sujeitos que não são crianças, que foram excluídos da escola por diversos fatores e que participam de determinados grupos culturais. Os resultados indicam que, ao pensar pedagogicamente no ensino de Matemática, as práticas docentes não podem se abster de considerar as práticas de numeramento como práticas discursivas situadas no contexto sociocultural dos sujeitos, sendo estas permeadas por tradições, crenças, preconceitos e relações de poder.

Palavras-chave: Educação de Pessoas Jovens Adultas e Idosas. Práticas de Numeramento. Bebidas alcóolicas. Análise Social do Discurso.

Abstract: This paper discusses how numeracy practices carried out in school and non-school spaces by deaf, young and adult people in the context of the Young, Adults and Elderly People Education, are crossed by values and pragmatic intentions. Based on Social Discourse Analysis, the study analyzes three numeracy events having by subjects who are not children, who have been excluded from school for distinct reasons and who belong to certain cultural groups. The results indicate that, when thinking pedagogically about the mathematic' teaching, the teaching practices can't refrain from considering numeracy practices as discursive practices situated in the sociocultural context of the subjects, which are permeated by traditions, beliefs, prejudices and power relations.

Keywords: Young Adults and Older People Education. Numeracy Practices. Alcoholic Drinks. Social Discourse Analysis.

1 Introdução

A educação voltada para pessoas jovens, adultas e idosas, nos espaços formais ou informais de ensino, em cursos de escolarização básica (Alfabetização, Ensino Fundamental e Ensino Médio), de formação continuada, de capacitação, cursos profissionalizantes ou cursos livres para instrumentalização em determinadas áreas, possibilitam aos sujeitos que os frequentam, ferramentas para o enfrentamento da exclusão que vivenciaram ao longo da vida,

¹ Universidade Federal de São João Del-Rei • São João del-Rei, MG — País • * flavia.grossi@ufsj.edu.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5340-1308>

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia • Vitória da Conquista, BA — Brasil • * jonson.dias@uesb.edu.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9575-2648>

³ Universidade Federal de Ouro Preto • Belo Horizonte, MG — Brasil • * rodrigopinheiro506@gmail.com • ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4846-5291>

e a busca por melhores condições nas instâncias sociais de que participam ou buscam participar. Dentro das motivações de retorno à escola e/ou de participação em cursos de instrumentalização e de formação está a busca por direitos e a vontade de conhecer e de aprender – a busca por conhecimentos e aprendizagens. De acordo com Freire (1979), é a condição humana de *ser inacabado* que leva as pessoas a se educarem e as fazem permanecer em um constante movimento de busca por um *ser mais*, por novos conhecimentos e novas aprendizagens.

Enquanto modalidade educativa, associada à educação escolar básica, a Educação de Pessoas Jovens Adultas e Idosas (EPJAI) destina-se a pessoas que, por inúmeras razões, tiveram o acesso à escolarização restrito ou negado. Esses sujeitos são mulheres e homens de classes populares menos favorecidas, em sua grande maioria, são pessoas negras, e apresentam necessidades e demandas específicas. Conforme Silva (2020), essa modalidade é caracterizada pela diversidade e pelas diferenças entre as/os participantes, abrangendo diferentes culturas, etnias, religiões e crenças, que compõem as variadas formas de ser, de viver, de pensar e de agir dessas pessoas.

O público potencial da EPJAI que busca por uma escolarização formal e as pessoas jovens, adultas e idosas que buscam instrumentalizar-se por meio de cursos livres ou de capacitação, em sua maioria, estão (ou já estiveram) inseridos no mundo do trabalho e em diferentes espaços da vida social. Segundo Freire (1996), ao ingressarem em contextos educativos, essas pessoas trazem consigo saberes e vivências adquiridos em práticas sociais que, não necessariamente, ocorrem nesses ambientes. Para o autor, esses *saberes de experiência feito* compreendem os modos como as pessoas leem o mundo, formam suas identidades e se posicionam discursivamente nas interações que ocorrem no contexto escolar.

A mobilização desses saberes enriquece o ambiente educacional proporcionando, assim, uma troca significativa entre as vivências pessoais e culturais de cada sujeito e o aprendizado formal veiculado na/pela escola e em/por outros espaços educativos. Desse modo, é aconselhável que os cursos instrumentais, de capacitação ou de Educação Básica, voltados para pessoas jovens, adultas e/ou idosas, valorizem essa diversidade sociocultural e reconheçam essas pessoas como sujeitos de conhecimentos e de aprendizagens. De acordo com Freire (1996, p. 37), reconhecer os conhecimentos e aprendizagens dos sujeitos é respeitar as condições em que essas pessoas vem existindo, “à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se.”

Ao mesmo tempo em que os espaços educativos são “um local de confronto de culturas”, eles também possibilitam “um encontro de singularidades” (Oliveira, 2001, p. 41). Esse encontro caracteriza o lugar social de muitas/os estudantes jovens, adultas/os e idosas/os que buscam escolarizar-se e/ou instrumentalizar-se a partir de uma condição de ‘*não-criança*’, de *excluídos da escola* e de *membros de determinados grupos culturais* (Oliveira, 2001).

Sobre a condição de *não-crianças*, as pessoas jovens, adultas e idosas participam do mundo do trabalho e de relações interpessoais de modo diferente de quando estão na fase da infância ou da adolescência. Elas/es trazem consigo conhecimentos acumulados ao longo da vida e uma “maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem” (Oliveira, 2001, p. 18). A condição de *excluídos da escola* “contribui para delinear a especificidade dos jovens e adultos como sujeitos de aprendizagem” (Oliveira, 2001, p. 20) que procuram as instituições de ensino formais ou informais e/ou os cursos de instrumentalização para conquistar um direito que lhes fora negado anteriormente, buscam conhecimentos e aprendizagens ou desejam concluir a escolaridade mínima para manter sua situação profissional ou para aprimorá-la. A última condição, refere-se às pessoas jovens, adultas e idosas que buscam escolarizar-se na Educação Básica ou em cursos específicos, como

um grupo cultural homogêneo se o compararmos com a diversidade de grupos culturais existentes na nossa sociedade, embora cada sujeito e cada grupo apresente suas próprias singularidades e especificidades.

A partir dessas condições, os sujeitos que fazem parte deste estudo também não são crianças – são pessoas jovens, adultas e idosas – e carregam em seus corpos a marca da exclusão. Elas/es posicionam-se nas relações interpessoais de que participam – sejam elas escolares ou não – manifestando seus direitos, suas necessidades, suas demandas, seus anseios e suas expectativas individuais. Todavia, essas pessoas também respondem e pertencem a grupos culturais mais amplos – grupos de pessoas surdas, de pessoas idosas, de pessoas jovens e adultas no contexto da EPJAI.

Em sociedades capitalistas, como a que estamos inseridas/os, os diferentes grupos culturais mobilizam, cada vez mais, “informações, argumentos, referências, representações e procedimentos que envolvem símbolos, ideias e critérios relacionados às práticas de quantificação, medição, orientação no espaço, ordenação, classificação e outras relações com o mundo que aprendemos a associar à *matemática*” (Fonseca & Grossi, 2023, p. 489). Com efeito, esses grupos protagonizam diferentes práticas matemáticas que nomeamos, neste estudo, como *práticas de numeramento*: “para destacar seu caráter discursivo, que define sua dimensão sociocultural (e também evitar que o adjetivo ‘*matemática*’ restrinja seu âmbito apenas às práticas escolares).” (Fonseca & Grossi, 2023, p. 498). As relações estabelecidas entre as pessoas, entre grupos culturais e dessas pessoas e desses grupos com o conhecimento que nós associamos à matemática são produzidas a partir de mecanismos discursivos e de intenções pragmáticas na produção, distribuição, uso e reverberação desses conhecimentos.

Destacar o caráter discursivo das práticas matemáticas interessa aos estudos desenvolvidos no Grupo de Estudos sobre Numeramento (GEN)⁴ que tem a intenção de compreender a dinâmica da aprendizagem configurada nos modos de *apropriação de práticas de numeramento* (Fonseca & Grossi, 2023). As práticas de numeramento, no entanto, não estão imunes às negociações, aos valores, às contradições e às relações de poder forjadas na diversidade de contextos e condições em que são produzidas, nas formas de vida dos sujeitos que as mobilizam e nos espaços educativos em que se desenvolvem (Fonseca, 2019).

Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo é discutir como as práticas de numeramento desenvolvidas em espaços escolares e não escolares, na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, – em um curso livre de Educação Financeira, em um curso de alfabetização escolar e em um contexto de produção de um cordel para ser trabalhado na EPJAI – são atravessadas por valores e intenções pragmáticas. Todavia, será inevitável não considerar as relações de gênero que também conformam e constituem as práticas de numeramento e são por elas constituídas (Souza & Fonseca, 2010). Por isso, também buscaremos apontar como essas relações e outras condições socioculturais dos sujeitos (pessoas surdas, mulheres idosas, pessoas jovens, adultas e idosas no contexto da EPJAI) definem, desafiam ou reforçam o modo como elas/es mobilizam e tensionam essas práticas.

2 Aspectos teóricos-metodológicos

No GEN, o tratamento do material empírico é feito a partir da identificação e análise de

⁴O grupo é cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2005. Além disso, está vinculado à linha de pesquisa em Educação Matemática do Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da UFMG. O site do grupo pode ser acessado em: <https://sites.google.com/view/gen-numeramento>.

eventos de numeramento (Fonseca & Grossi, 2023). Os estudos consideram esses eventos como unidades de análise, o que os levam, metodologicamente, à seleção de cenas do material empírico nas quais identifica-se processos em que as/os estudantes se apropriam – tornam suas, tornam próprias – de ideias, procedimentos, conhecimentos e critérios matemáticos que são forjados por um/um contexto sociocultural, e sobre os quais as pessoas operam a partir das referências desse contexto e de outras culturas de que também participam (Fonseca; Grossi, 2023). Isso faz com que tais processos se relacionem “a um contexto social mais amplo, envolvendo interdiscursos, intenções pragmáticas, referências culturais e relações de poder” (Grossi, 2021, p. 98), de modo a se configurarem como práticas sociais.

Neste estudo, portanto, elegemos três eventos de numeramento, que selecionamos entre a vasta empiria produzida nos trabalhos do GEN. Esses trabalhos foram desenvolvidos com a intenção de atender outros objetivos, usufruíram de diferentes referenciais teóricos e foram produzidos a partir de técnicas e instrumentos metodológicos específicos. No entanto, as produções desses trabalhos foram conduzidas por uma mesma intencionalidade de identificar e analisar pessoas jovens, adultas e idosas apropriando-se de práticas de numeramento.

Para a reflexão que aqui propomos, esses eventos foram submetidos à *Análise Social do Discurso*, conforme é proposta por Norman Fairclough. Fundamentados na perspectiva do autor, consideramos o discurso como “uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (Fairclough, 2001, p. 91). Esse tipo de análise nos permite focalizar diferentes sujeitos, inseridos em diferentes contextos educativos, com diferentes níveis de escolarização e em diferentes relações com a escola, protagonizando práticas matemáticas atravessadas por valores, intenções pragmáticas, tradições culturais, preconceitos e relações de poder: pessoas surdas participando de um curso de Educação Financeira; mulheres idosas alfabetizando-se na EPJAI; e um cordelista – licenciando em Matemática – que produziu um cordel para ser trabalhado no contexto da EPJAI.

3 Práticas de numeramento protagonizadas por pessoas jovens, adultas e idosas

3.1 “Oito cervejas, três filés de carnes e pronto!”

O primeiro evento de numeramento que iremos analisar ocorreu durante uma aula de um curso de *Educação Financeira para Surdos*, ministrado em Libras por um professor de Matemática surdo (Pinheiro, 2023). O curso foi ofertado gratuitamente, como de costume, pelo Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), unidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, no segundo semestre de 2020, na modalidade remota (pela plataforma Zoom) em função da pandemia da COVID-19. As/os 15 estudantes matriculadas/os nesse curso eram pessoas jovens e adultas surdas bilíngues, ou seja, se comunicavam em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e utilizavam o português na modalidade escrita como segunda língua.

No decorrer da quinta aula do curso, o professor propôs uma tarefa em que as/os estudantes deveriam somar uma determinada quantia em dinheiro que estava descrita e ilustrada no enunciado do exercício (item *a* da atividade). Posteriormente, as/os estudantes deveriam indicar o que comprariam com aquela quantia em dinheiro (item *b* da atividade). A resolução dessa atividade por pessoas surdas jovens e adultas, que já concluíram o Ensino Médio, pode parecer trivial, entretanto não é o que ocorreu. Além da dificuldade apresentada pela estudante

(Belinha, 51 anos)⁵ para calcular a quantia que estava representada no enunciado do problema (que resultava em R\$ 44,50), destaca-se os diferentes posicionamentos que as/os estudantes foram assumindo na discussão das possibilidades de se gastar aquela quantia.

A análise considerou que esses posicionamentos são parametrizados por uma prática social mais ampla, relacionada ao campo da Educação Financeira. Esse campo estabelece constrangimentos de ordem técnica – por exemplo, a soma dos preços dos produtos eventualmente escolhidos não poderia ultrapassar o valor da quantia disponível –, condicionamentos relacionados à utilidade, à oportunidade e à sagacidade para aproveitar o dinheiro da melhor maneira em relação às demandas pessoais ou coletivas, e ainda, uma certa restrição moral que envolve as questões técnicas numa trama de valores voltados a austeridade, conveniência ou legalidade.

Nesse contexto, no decorrer daquela discussão em que as/os estudantes sinalizavam o que comprariam com R\$ 44,50, várias/os argumentavam que comprariam itens relacionados à necessidade (como alimentação) ou relacionados à oportunidade (como contratar um plano de internet na promoção). Entretanto, durante a discussão, Paloma (35 anos) argumentou que utilizaria o dinheiro para outra finalidade: “[*eu compraria*] oito cervejas, três filês de carnes e pronto! Só isso! Carne, três filês, daria... Oito latas de cerveja mais os filês de carne”. Chama-nos a atenção o fato de Paloma transgredir a ideia de comprar apenas o que era estritamente necessário, como fizeram suas/seus colegas anteriormente. Ela sinalizou, por três vezes, que compraria oito latas de cerveja, e, por duas vezes, que poderia comprar três filês de carne. Essa intervenção de Paloma gerou um clima de descontração na turma, provocando vários comentários. Emanuella (40 anos), Thyago (43 anos), Lolinha (32 anos) e o professor Paulo (31 anos)⁶, em tom jocoso, declararam que também comprariam cerveja:

Professor Paulo (Turno 370): [*Eu compraria*] cerveja... rsrs

Emanuella (Turno 371): *Eu [compraria] cerveja... rsrs... Paloma, bate aqui! Rsrs... Depende! Eu vejo o que estou precisando e compro.*

Thyago (Turno 372): *Maravilha! Cerveja... Que maravilha! rsrs*

Professor Paulo (Turno 375): *Parece que Rodrigo foi pegar uma cerveja... rsrs*

Professor Paulo (Turno 381): *Pegar apenas a cerveja dá! rsrs... Encher o carrinho de cerveja... rsrs*

Lolinha (Turno 382): *É pouco mesmo, está certo... rsrs... Bobo... rsrs.... Uma caixa de cerveja! rsrs*

As posições discursivas assumidas pelos sujeitos, apesar de distintas em relação aos critérios para definir o que comprariam, submetem-se a uma mesma lógica relacionada à regra financeira que era realizar a compra de modo que não ultrapassasse a quantia disponível encontrada no item *a* do exercício.

Por outro lado, a personalidade da questão convocava referências a outras práticas sociais relacionadas a hábitos, à avaliação de necessidades, desejos e oportunidades e ao estabelecimento de hierarquias de valores que, de certa forma, os remetera a questões ligadas a moralidade e responsabilidade, mas também ao gozo ou à astúcia. É nesse sentido que observamos uma certa transgressão na sugestão de Paloma ao propor a compra de um item que não estava diretamente relacionado à necessidade ou à oportunidade, mas que se relacionava a

⁵ Todas/os as/os estudantes do curso de Educação Financeira para Surdos escolheram os seus pseudônimos. Isso foi necessário para preservar suas verdadeiras identidades, conforme estava estabelecido no projeto que fora submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

⁶ O professor Paulo autorizou a utilização do seu verdadeiro nome.

uma questão de satisfação pessoal.

Numa sociedade como a nossa, machista e sexista, Paloma não se intimidou de tomar a palavra (em Libras) para expressar o seu *desejo* de comprar cerveja e carne. Outro aspecto que nos chama atenção é o fato de seu argumento ter sido validado e enfatizado por algumas/alguns colegas e pelo professor, que, inclusive, parece ter apreciado a sugestão da estudante ao retomar aquela ideia (de comprar cerveja) por três vezes.

Numa sala de aula regular, é possível que a sugestão de Paloma em relação à cerveja pudesse ser silenciada ou até mesmo criticada, já que a prática de consumo de cerveja costuma ser validada para homens e vedada para mulheres. Porém, talvez, por se tratar de um grupo de pessoas surdas, que comungam de uma mesma cultura – a Cultura Surda – e dos mesmos processos de exclusão escolar e social, a sugestão de Paloma tenha sido acolhida e reiterada pelo professor e por suas colegas.

Com efeito, os posicionamentos de Paloma, assim como os de Emanuella, Lolinha, Thyago e Paulo, nos levam a percebê-las/os não apenas como sujeitos de conhecimentos e de aprendizagens, mas também como *sujeitos do prazer*.

3.2 “*Vence agora. Tem que beber tudo, né?*”

O modo como Paloma se posiciona como *sujeito do prazer* ao estabelecer uma provocação durante a atividade sobre o que poderia comprar com R\$ 44,50 pode ser confrontado, em prática semelhante, com a transgressão de Dona Cecília⁷, uma mulher de 91 anos, alfabetizando em um projeto educativo de EPJAI, quando está visitando o supermercado com a turma para observar a data de validade de determinados produtos.

O evento encontra-se em Grossi (2021) e foi oportunizado por uma atividade escolar, planejada pela professora de uma turma de mulheres idosas, alfabetizadas na EPJAI. A professora propôs que as estudantes observassem e fizessem a leitura de prazos de validade de determinados produtos dentro de um supermercado. Essa atividade faz parte de uma sequência didática em que a professora estava trabalhando com uma análise metalinguística do gênero textual rótulo.

Nas primeiras atividades sobre o assunto, a professora explicitou o conjunto de informações que esse tipo de texto veicula em atendimento às exigências legais, às demandas das/os consumidoras/es e aos interesses das/os produtoras/es desse tipo de texto. Dentre todas as informações contidas em um rótulo, a identificação, a leitura, o registro e o aspecto pragmático da informação *data de validade* foi aquela que, entre tantas, mais desencadeou diálogos, dúvidas, tensionamentos e posicionamentos discursivos entre as estudantes da turma e delas com a professora.

Antes de iniciar a visita ao supermercado, a professora propôs que as mulheres idosas construíssem, coletivamente, uma lista de produtos cujo prazo de validade elas gostariam de observar. Os produtos indicados pelas estudantes e que fizeram parte da lista foram: massa de tomate, produtos em sachê, arroz, fubá, feijão, açúcar, café, macarrão e leite. A escolha dos produtos estava diretamente associada à necessidade e ao consumo diário daquelas mulheres.

No entanto, ao caminharem pelos corredores do supermercado e observarem suas gôndolas, outros produtos, que não estavam diretamente associados à necessidade e ao consumo

⁷ A participante da pesquisa autorizou a utilização de seu verdadeiro nome por meio de sua assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

diário, instigaram a curiosidade e revelaram a preferência e o prazer de algumas mulheres. Um desses produtos foi a cerveja. Dona Cecília, interessada em observar o prazo de validade da cerveja, fez o seguinte convite para a professora e para as colegas da turma: “*E a cerveja? Ninguém quer olhar a validade, não?*”

Esse convite, além de transgredir o roteiro inicial da atividade, que fora acordado inicialmente em sala de aula, acabou provocando a adesão da professora e das colegas da turma. A professora Vanessa, animada com o convite, não só consentiu a transgressão de Dona Cecília, mas também a incentivou dizendo: “*Vamos lá então, uai... A senhora quer ver da cerveja? Vamos olhar da cerveja, então*”. De maneira semelhante, a sugestão de Paloma, ao romper com a sequência de produtos de necessidade pessoal que estavam sendo mencionados por seus/as colegas, também provocou a adesão das/os colegas e as brincadeiras do professor Paulo.

O interesse em “*olhar*” a validade da cerveja não só possibilitou a mobilização do sistema de codificação e de registro dos prazos de validade em produtos embalados em latas de alumínio, mas, mais do que isso, possibilitou com que Dona Cecília tensionasse o fato de ser uma mulher – uma mulher idosa –, interessada em verificar o prazo de validade de uma cerveja. Essa condição de Dona Cecília foi o que, provavelmente, provocou a surpresa, a curiosidade e as galhofas das outras estudantes da turma quando ouviram o convite para observarem o prazo de validade da cerveja. Algumas mulheres disseram: “*Cerveja?*”; “*É, Dona Cecília, vai tomar uma cerveja, né?*”; “*Uai, eu não sabia que ela gostava não.*”

Consideramos a leitura do prazo de validade da cerveja, protagonizada por Dona Cecília e estimulada pelas colegas e pela professora, uma prática de numeramento que não apenas envolve códigos, símbolos e significados que estruturam o prazo de validade da cerveja, mas também é atravessada por condições e tradições socioculturais que envolvem o direito ao prazer, ao lazer, à curiosidade e à (im)possibilidade de consumo da cerveja. Além disso, essa prática se apresenta permeada por relações de gênero (ainda que não haja uma enunciação explícita dessas relações), e como uma prática marcada por relações etárias que determinam o que (não) é permitido em cada fase da vida, em especial, na fase da velhice.

As relações de gênero são produzidas culturalmente, desafiam ou reforçam as desigualdades e forjam as relações de poder (Fonseca 2019; Souza & Fonseca, 2010). Hipoteticamente, se um homem, vivenciando a fase adulta ou a velhice, alfabetizado ou em processo de alfabetização, sugerisse observar o prazo de validade da cerveja, talvez, essa ação não teria provocado as galhofas e a surpresa das estudantes. As relações de poder presentes nessa situação hipotética poderiam passar despercebidas por essa prática ser naturalizada em nossa sociedade – ao homem é concedido o direito de consumir bebidas alcoólicas – ou ainda, poderiam oprimir as chacotas e os questionamentos das mulheres da turma.

As práticas marcadas por relações geracionais também são parametrizadas pela nossa sociedade determinando o que as pessoas devem fazer e os cuidados que precisam tomar para manter a boa saúde, em cada etapa da vida. A fase do envelhecimento é também socialmente marcada pela patologização dos corpos, sejam eles femininos ou masculinos. Nessa etapa da vida, as mulheres são “aquelas que precisam de mais cuidado, mas que também precisam se cuidar, zelar por seu bem-estar, manter uma boa aparência, conservar-se saudável e ativa e com disposição física para ainda cuidar da família” (Grossi, Ano, p. 2021). Por isso, desaconselha-se ou até proíbe-se o consumo de bebidas alcoólicas quando se trata de corpos femininos, mas também quando se trata de corpos masculino e de outros corpos que estejam vivenciando outras fases em que esse consumo pode trazer sérios danos à saúde.

Entretanto, a intervenção de Dona Cecília e a curiosidade das colegas em relação ao fato de uma mulher idosa beber ou não cerveja, manifestam o acesso e a autorização que essas

mulheres conquistaram para consumir – e revelar que consomem – bebidas alcoólicas (Grossi; Fonseca, 2023). Essa e tantas outras *formas de liberdade*, oportunizadas por situações em que as mulheres protagonizam práticas de numeramento escolares, vão transgredir a visão de *velhinhas recatadas* que foi e, ainda é, fortemente disseminada ao longo da história. Mesmo no século XXI, em que muito tem-se discutido em relação à sexualidade nessa fase da vida, essa visão ainda é existente e persistente em uma sociedade machista, sexista, religiosa e patriarcal como a nossa, especialmente em cidades do interior, como é o caso de Dona Cecília que reside em uma cidade do interior do estado de Minas Gerais. Dessa forma, essa transgressão constrói uma nova identidade sociocultural para as mulheres que, mesmo vivenciando a fase da velhice, possuem direito ao lazer e ao prazer (Grossi, 2021; Grossi; Fonseca, 2023). O direito ao lazer e ao prazer é explicitado quando a professora Vanessa faz a leitura da data de validade da cerveja e afirma que ela deveria ser consumida completamente, porque ela venceria naquele mesmo ano, e Dona Cecília, em tom de pilhéria, responde à informação dada pela professora: “*Vence agora. Tem que beber tudo, né?*”

O chiste de Dona Cecília nos auxilia a identificar o papel ativo da estudante na produção de uma resposta às demandas da interação social de que participa, neste caso, as demandas de uma atividade escolar dentro de um supermercado. Além disso, essa resposta se conforma nos diferentes modos pelos quais Dona Cecília participa da atividade e atribui sentidos e significados a ela, mas também é referenciada por suas vivências e intenções, seus valores e desejos, seus impedimentos e limitações, e suas marcas socioculturais.

3.3 “Bebida não é pra sempre?”

O terceiro evento que colocamos em diálogo neste estudo, origina-se das interações realizadas no contexto das reuniões do GEN. Em um dos encontros do grupo, foi apresentado o evento da subseção anterior e, durante as discussões, algumas questões despertaram a curiosidade de alguns integrantes do grupo, dentre elas, a data de validade da cerveja. Alguns membros do grupo desconheciam esse tipo de informação, que consta na embalagem da cerveja.

Ao término da reunião, um dos pesquisadores do grupo decidiu aprofundar essa discussão relacionada a data de validade da cerveja e, em conversa com uma das integrantes do grupo, ele propôs a elaboração de um cordel que abordasse a temática do evento que fora apresentado naquela reunião. Então, em contato com um cordelista, que também é discente de um curso de licenciatura em matemática, o pesquisador propôs que o licenciando criasse um cordel que abordasse a questão da data de validade da cerveja para ser trabalhado como material pedagógico em um contexto de sala de aula da EPJAI.

Surpreso com o fato de ter data de validade na cerveja, o cordelista perguntou ao pesquisador: “*Bebida não é para sempre?*” Tal questionamento gerou uma discussão sobre a questão, pois, para o cordelista, a cerveja não teria validade por ser uma bebida que contém álcool. A intenção da proposta do pesquisador era que a história do cordel abordasse, além da data de validade da cerveja, alguns conteúdos matemáticos que sensibilizassem e incentivassem a participação das/os educandas/os quando o cordel fosse, de fato, trabalhado em sala de aula.

CORDEL: Uma Dose Percentil

Autor: Ilan Carlos⁸

⁸ O autor do Cordel autorizou a divulgação do seu nome real.



Naquele bairro popular
Criança correndo na calçada
Na esquina famoso bar
E uma figura na entrada
Um trupicão de repente
Tirava o riso da gente
E anunciava uma chegada

Chegava no bar de seu Tião
Conhecido pelo bairro inteiro
Bené era uma comédia
Com sua latinha e seu isqueiro
De tanto que bebia
No chão quase caía
Mas o seu rumo era certo

Seu banquinho no balcão
Estava ali a lhe esperar
Uma latinha de cerveja
Não hei nunca de faltar
Se terminar o dia sem
É perigoso até matar
Naquele dia em especial
Algo chamou sua atenção
Um freezer diferente
Estava ao lado do balcão
Um nome nele escrito
Um prazer para ser dito
Bem grande estava “promoção”

Pois seu Tião ali chegou
E Bené foi questionar
Que havia naquelas cervejas
Para o preço assim baixar
Não que isso fosse ruim
Pois breja num preço assim
Nunca hei de se reclamar

Por que resolveu descontar
Seu Tião lhe explicou
É que o prazo de validade
Delas tudo já passou
Assim pois a quem preferir
Se quiser as consumir
Oportunidade aí chegou

Seu Tião que coisa feia
Assim Bené lhe respondia
Não esperava do senhor

Um ato dessa covardia
Com uma atitude assim
Seu objetivo pra mim
É envenenar sua freguesia

Rápido ele retrucou
Pois só vens a falar asneira
Se a alguém fosse prejudicar
Não estariam na geladeira
Já que bebida a pouco vencida
Ainda pode ser consumida
E mal nenhum assim lhe beira

O bêbado olhou pra ele
Com cara de desconfiado
Uma conversa estranha dessas
Lhe intrigava um bocado
A sua gelada vencida
Que não dava dor de barriga
O deixava mais empolgado

Seu Tião lhe confirmou
Pois eu te digo com prazer
O gosto pode mudar
Mas mal não vai fazer
Um aroma diferente
No máximo deve acontecer

E como o senhor sabe
Quando ainda pode comercializar
Bebida não é pra sempre
Isso não pode negar
Uma hora vai perder
Um gosto ruim vai ter
E ela hei de amargar

Mas isso aí é tranquilo
Me disse ontem um cara entendido
Que quanto mais álcool tiver
Mais demora pra ser vencido
Assim quanto vai durar
É o teor alcoólico olhar
E tá tudo resolvido

Pois traga duas opções
Que eu mesmo vou conferir
No litro ou na latinha
Com mais álcool vou preferir
Mais seguro e mais barato

É o que vou então seguir

600 ml encontra
Nessa primeira opção
Com o teor de 5%
Vem trazendo seu Tião
Qual vai escolher
E a melhor para beber
É contigo a decisão

Pois uma latinha menor
Também pode escolher
Dois meia nove ml
Pode lhe satisfazer
Já que o álcool afinal
É 8% do total
De líquido a se beber

Bené coçou a cabeça
E a virou assim de lado
Agora pra escolher
Esse negócio complicado
Tudo bem que já tava bebo
E no seu pior estado

Percebendo a confusão dele
Seu Tião se intrigou
Como resolver o problema
Ele ali se perguntou
Se algum dia na escola
Alguém falou disso
Foi no dia em faltou
Outro cliente chegou
E mais um a observar
A dúvida persistia
E ninguém sabia falar
Onde o álcool é maior
Qual compra é a melhor
Pois ficou-se ali no ar

Com um montoeiro de gente
Todos a discutir
Bené logo se irritou
E tratou de decidir
Passou a mão na primeira
Na segunda e numa terceira
E foi seu rumo seguir

Na história do cordel, observamos uma situação que retrata a relação de compra e venda da cerveja com a data de validade expirada. Ao chegar no bar de Tião, o personagem Bené observa que algumas bebidas estão na promoção, porém, suas datas de validade expiraram. Ele questiona o dono do estabelecimento sobre a oferta, visto que as bebidas vencidas podem fazer mal às/aos clientes. A discussão rapidamente atrai a atenção de outras/os clientes, transformando a venda e a compra da cerveja em um debate acalorado sobre justiça e práticas comerciais.

Em sua narrativa, o cordel apresenta uma situação que pode assemelhar-se a um caso da vida real, incorporando em seu enredo problemas de compra e venda. Embora o texto não tenha uma proposta explícita de ensinar matemática, ele traz uma narrativa baseada em uma situação cotidiana que abrange práticas de numeramento mais amplas e que podem ser pensadas em outros contextos que envolvem a compra e a venda de determinados produtos em estabelecimentos comerciais. Além disso, o tensionamento provocado por Bené reforça o nosso argumento de que as práticas de numeramento são atravessadas por necessidades e preocupações que demandaria de Tião outras tomadas de decisão ao colocar as cervejas vencidas em promoção.

A mobilização de conhecimentos matemáticos na narrativa do cordel – cálculos de preços, descontos, proporções, entre outros – mostram como as práticas matemáticas presentes em negociações cotidianas inesperadas e interessantes podem ser uma potente ferramenta pedagógica para ser trabalhada em diferentes contextos da EPJAI. Nessa perspectiva, o cordel não só entretém, mas pode instigar a curiosidade das/os leitoras/es, sem que elas/es percebam que estão vivenciando um processo de apropriação de práticas de numeramento escolares.

Outro aspecto a ser destacado no enredo do cordel é o fato de a prática de venda e compra de bebidas alcóolicas ser, majoritariamente, realizada por homens. Isso reforça o nosso argumento de que as práticas de numeramento explicitam as desigualdades de gênero que existem e persistem em nossa sociedade e que também foram apontadas nos eventos protagonizados por Paloma e Dona Cecília. O consumo de bebidas alcóolicas, de modo especial, o consumo da cerveja, ainda é reconhecido socialmente como um hábito, predominantemente, masculino.

Ao situar a narrativa no contexto específico de compra e venda de bebidas alcóolicas, o cordel, não apenas retrata uma situação verossímil, mas também abre espaço para discussões mais amplas sobre dinâmicas comerciais e consumo de bebidas alcóolicas. Dessa forma, a história torna-se uma ferramenta interessante para provocar reflexões sobre a sociedade em que vivemos, e não apenas como veículo para explorar conceitos matemáticos ou para promover entretenimento.

4 Considerações Finais

Compreender que a Educação se estende por toda a vida implica em considerar que os conhecimentos e as aprendizagens não são mobilizados e constituídos somente em espaços formais, como nas escolas ou em instituições de Ensino Superior. Essa compreensão nos levou a refletir sobre as diferentes propostas educacionais que são ofertadas – especialmente relacionadas à Educação Matemática – para atender às demandas de sujeitos ‘*não-criança*’, de pessoas que foram *excluídas da escola* e de *membros de determinados grupos culturais*.

Nossa intenção, portanto, foi de compartilhar com as/os educadoras/es matemáticas/os nossas reflexões sobre como os conhecimentos matemáticos são atravessados por valores e intenções pragmáticas, principalmente no contexto da EPJAI, em que as práticas socioculturais são frequentemente explicitadas e reiteradas pelos sujeitos. É nesse contexto que as práticas de numeramento vão sendo mobilizadas e tensionadas, à medida que os sujeitos – pessoas surdas e pessoas jovens, adultas e idosas em contextos da EPJAI – convocam e produzem conhecimentos matemáticos e conhecimentos em circunstâncias práticas.

Considerar a interseção entre as práticas de numeramento permeadas por relações de gênero, relações etárias e, conseqüentemente, relações de poder, de fato, requer um esforço consciente e contínuo de educadoras/es, instituições e formuladoras/es de políticas públicas para propor ações educativas que promovam a igualdade de gênero, a inclusão e o respeito às distintas gerações. Esse esforço não apenas beneficia as/os estudantes individualmente, mas também contribui para uma sociedade mais equitativa e inovadora. Isso possibilita que os sujeitos sejam protagonistas de seus processos de aprendizagem e se reconheçam como produtoras/es de conhecimentos em um movimento constante na busca por um *ser mais*.

Agradecimentos

Agradecemos às agências de fomento que subsidiaram a realização dos três estudos destacados neste trabalho: CNPq, Capes e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Referências

- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Tradução de I. Magalhães. (1. Ed.). Brasília, DF: Editora UnB.
- Fonseca, M. C. F. R. (2019). Numeracy in Youth and Adult Basic Education: syntactic, semantic, and pragmatic dimensions of a discursive practice. *ZDM Mathematics Education*, 52, 395–406.
- Fonseca, M. C. F. R. & Grossi, F. C. D. P. (2023). Pessoas constituindo-se como sujeitos sociais na apropriação de práticas de numeramento: o programa de pesquisa do grupo de estudos sobre numeramento (GEN). *Prometeica – Revista de Filosofia y Ciencias*, (27), 483-493.
- Freire, P. (1979). *Educação e Mudança*. (20 ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Grossi, F. C. D. P. (2021). “Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado, uai... Seis... Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!”: mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriando-se de práticas de numeramento escolares. 2021. 304 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.
- Grossi, F. C. D. P. & Fonseca, M. C. F. R. (2023). “Da cerveja, cês não quer tirar a validade, não?”: mulheres idosas alfabetizadas na EJA apropriando-se de práticas matemáticas hegemônicas. *Educação Matemática Pesquisa*, 25(4), 390-412.
- Oliveira, M. K. (2001). Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: V. M. Ribeiro (Org.). *Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras*. (pp. 15-43). São Paulo, SP: Mercados das Letras e Ação Educativa.
- Pinheiro, R. C. (2023). “SURD@ ASSIM SURD@ ASSIM CULTURA ASSIM” “TOD@ ALUN@ ASSIM”: pessoas jovens e adultas surdas bilíngues apropriando-se de práticas de numeramento em um curso de educação financeira. 2023. 234 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Silva, J. N. D. (2020). *Tecnologias Digitais na Educação Matemática com Jovens e Adultos: um olhar para o CIEJA/Campo Limpo*. 2020. 150f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, SP.
- Souza, M. C. R. F. & Fonseca, M. C. F. R. (2010). *Relações de gênero, Educação Matemática e discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.